

Os debates acerca de temas como gênero, sexualidades e identidades dos sujeitos há muito tempo vem sendo negligenciados pelo currículo vigente e formal da escola (SILVA,1999). O discurso, contudo, acerca do que é considerado feminino e do que é considerado masculino percorrem os corredores e adentram os mais diversos e inusitados espaços escolares. À luz dos debates contemporâneos no campo da Educação, foi possível traçar um resgate histórico acerca destes discursos e repensar o currículo de modo crítico, atento as diferenças e socialmente engajado e responsável. Quando, em uma aula, por exemplo, definimos o que é ser mulher, não estamos só evidenciando traços naturais, mas produzindo sujeitos e modos específicos de habitar o mundo (BUTLER, 2003). A escola, portanto, não está imune aos emaranhados de relações que constituem a sociedade, justamente por estar inserida nela. Conforme nos lembra Louro (2002), desde os anos de 1960 as vozes de sujeitos e grupos sociais historicamente silenciados, que se encontram às margens da cultura, ecoam e perturbam o centro. Os indivíduos passaram a questionar muito além da normatização centrada na figura do homem branco ocidental, heterossexual e de classe média, mas também a noção de cultura, ciência, arte, ética e educação. Práticas escolares sem reflexão crítica tendem a produzir violências simbólicas – e físicas – nas e nos estudantes, pois podem contribuir, dando voz a preconceitos de gênero e sexualidade, cabendo, portanto, a nós enquanto educadores e educadoras perguntamo-nos como produzir um ambiente mais equitativo, justo e livre de opressões de gênero, sexualidade, classe, regionalidade e raça. A partir destas reflexões foi realizada uma oficina de extensão universitária no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS com as e os estudantes da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos/EJA, intitulada “Violência Contra a Mulher Cis, Trans e Travesti: Cotidiano, Currículo e o que a Educação tem a ver com isso” na qual foi trabalhado com as e os estudantes temas como sexo/gênero, sexualidades, transfobia, tipos de violência contra as mulheres sejam elas cis, trans, negras, lésbicas, bissexuais entre outras possibilidades de existência e as suas possibilidades de resistência. Este trabalho esteve completamente comprometido com a reflexão sobre como a violência contra pessoas do gênero feminino se constitui não só como fenômeno social, mas como produto de uma organização cultural que não só a legitima como muitas vezes a estimula. Nossa proposta é, então, trazer estes questionamentos para dentro da sala de aula, ou seja, “[...] antagonizar com o currículo oficial e com o discurso único aprovado” (CORAZZA, 1997: 122).